



“Considerações em torno de um mesmo tema: memórias de leprosos”

Keila Auxiliadora Carvalho*

Em primeiro lugar quero agradecer à Revista AEDOS por ter escolhido meu texto para participar da seção “Mesa Redonda” e, por conseguinte, pelo precioso debate que resultou desta iniciativa. Em seguida, agradeço às professoras Beatriz Teixeira Weber, Juliane Primon Serres e Nikelen Acosta Witter pela leitura atenta e pelas prestimosas observações.

Após leitura dos comentários, reli meu texto e pude observar o desenvolvimento de minha pesquisa nestes últimos três semestres. *“Tempo de Lembrar: as Memórias dos Portadores de Lepra sobre o Isolamento Compulsório”* foi um texto escrito inicialmente como trabalho de conclusão de uma disciplina do doutorado e, em seguida, transformado em artigo para ser enviado à AEDOS. Portanto, muito foi feito no sentido de ampliar a perspectiva de análise dos depoimentos orais que obtive na Colônia Santa Izabel, a fim de tratar das trajetórias de vida dos indivíduos que foram isolados em função da lepra sob múltiplas possibilidades. Não obstante, sou receptiva a todas as sugestões, e aquelas que por ventura ainda não tenham sido contempladas no curso natural da dinâmica da pesquisa o serão a partir de agora, com toda certeza.

É comum em todos os comentários, como também em meu texto, a preocupação com tratamento das fontes orais e, neste sentido, com os múltiplos significados da memória. Estou desenvolvendo esta questão e tenho procurado circunscrever o contexto de produção das memórias presentes nos depoimentos que obtive na Colônia Santa Izabel, e devo destacar que estou conseguindo delinear questões interessantes, tais como os usos políticos da memória, a origem da memória social do leproso como vítima, o apego à Colônia, entre outras.

O historiador Christopher Lloyd tem uma assertiva que julgo muito importante para o conhecimento historiográfico, qual seja, a de que “todas as explicações empregam, deliberada

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da UFF. Bolsista da CAPES.

ou passivamente, conceitos e teorias gerais que são usadas para produzir hipóteses causais, interpretações de evidências e compreensões causais de fenômenos e processos de tipos particulares” (1995, p.38). De fato, nós historiadores utilizamos estas teorias gerais, sobretudo quando nossa pesquisa está em fase inicial, quando temos pouco mais do que hipóteses e leituras sobre o tema que nos interessa. Mas tudo se modifica quando vamos às fontes, momento em que verdadeiramente nosso “trabalho” passa a merecer o título de “pesquisa”, o ponto mágico da operação histórica, pois é a investigação empírica que permite ao historiador criar um conhecimento objetivo, tornando-o distinto de narrativas e/ou discursos de ficção.

Mas para que esta operação se realize não nos cabe entender a fonte histórica como a porta-voz da “verdade”, ao contrário, o estudo crítico das fontes com as quais trabalhamos deve ser um exercício contínuo em nossa pesquisa, e isso vale tanto para as fontes escritas quanto para as fontes orais. Como bem destacou Eric Hobsbawn, “é essencial que os historiadores defendam o fundamento de sua disciplina: a supremacia da evidência” (1998, p.286), portanto, explorar as diversas fontes de conhecimento histórico implica em abordar um mesmo tema de uma gama variada de maneiras, sem ter que se preocupar em aplicar às evidências nossos conceitos teóricos formulados a priori.

É, pois, tendo em vista estas questões que tenho procurado não perder de vista as evidências presentes nas fontes, ainda que estas não estejam explicitadas claramente. Com este exercício hermenêutico estou vendo minha pesquisa se configurar, muitas vezes, por um caminho que não havia previsto. Um exemplo disso é a questão da memória sobre o isolamento. Algumas de minhas hipóteses de base teórica foram descartadas pela pesquisa empírica, ou ainda, pude perceber algumas lacunas na produção existente sobre o tema.

Pois é preciso compreender, em primeiro lugar, que as memórias são permeadas por grande diversidade de sentimentos que, muitas vezes, são contraditórios. As contradições devem-se em parte ao fato de que existe uma memória coletiva, cujos membros da comunidade constroem tendo em vista as necessidades do presente, mas também existe aquela memória que é individual, da qual o indivíduo não consegue - e nem quer - desvencilhar-se, baseada nas experiências vividas e nas emoções sentidas. Como bem destacou Dora Schwarztein, “os testemunhos de história oral são profundamente influenciados por discursos e práticas do presente e pertencem a esfera da subjetividade” (2001, p.73). Neste sentido, quando tratamos do isolamento compulsório dos portadores de lepra, estas duas memórias – coletiva e individual - estão sempre presentes e, muitas vezes, nos parece que estão em conflito. Minha discussão tem se configurado no sentido de compreender porque isto ocorre e,

assim, mostrar que não existe uma memória sobre o isolamento, mas existem “memórias” no plural.

Minha reflexão se desenvolve a partir de três pontos básicos. O primeiro deles, de uma perspectiva mais teórica, mostrando como a memória é construída do presente para o passado, faço isto apontando elementos presentes nos depoimentos dos ex-internos. Em segundo lugar, busco identificar a origem da memória social do leproso como vítima. E assim, compreendi que esta imagem social da vítima existe e tem um fundamento - os relatos me indicam isso, ainda que de maneira sutil. E perceber a sutileza na construção das memórias de um indivíduo é tarefa importante para o historiador que lida com a história oral. O depoimento do ex-interno Aldecir Pereira é um bom exemplo disto.

“Até inclusive eu fiz um livro agora uma...eu tenho um livro, é tipo uma redação mais ou menos umas 20 páginas de português sobre isso. A professora tá com ele lá. É... depois que ela voltar agora no início do mês de agosto...ela deve ter lido. Eu fiz, aí umas partes que eu vou continuar...ampliar assim mais. **Tem muita coisa que às vezes amanhã ou depois serve assim...**eu fiz com fotos, dos meninos, netos...porque eu achei assim, muito ruim assim começar a escrever, mas depois que eu comecei a escrever eu achei que...tem sentido. Tem num tem? Às vezes a gente vai achando assim...**vai descobrindo coisa que a gente passava naquela época...a gente achava que aquilo era uma coisa simples e não era. As pessoas jogava a gente assim...pro escanteio assim, como se diz...a gente achava que era normal e não era. Igual o seu João do Carmo relatou. Às vezes era discriminado e nem sabia.**” (SANTOS, 2008).

Analisando este trecho do depoimento do senhor Aldecir, é possível entender que as fontes podem nos dar informações que vão além do que foi falado ou do que está escrito. Neste fragmento especificamente, o narrador nos mostra como a memória é uma construção que envolve funções psíquicas do indivíduo, através das quais ele atualiza informações do passado, conectando-as ao presente. Pois, como bem destacou Thompson “as histórias que relembramos não são representações exatas de nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais” (1997, p.57). Sendo assim, quando o ex-interno da colônia Santa Isabel diz estar escrevendo um livro, porque acredita que “*tem muita coisa que às vezes amanhã ou depois serve assim...*”, de fato, ele está dizendo que suas memórias poderão ser úteis para contar a história da colônia e do isolamento compulsório dos leprosos, com base nas trajetórias de vida de indivíduos que, como ele, viveram dentro de um leprosário. Para dimensionar essa questão dentro da pesquisa é preciso entender o contexto no qual estas memórias estão sendo produzidas. Neste sentido cabe destacar que, desde a década de 1980, atua na comunidade o Movimento de Reintegração de Pessoas Atingidas pela Hanseníase (Morhan), uma organização não

governamental da qual o senhor Aldecir é militante. Portanto, esta “consciência” acerca da importância do “livro com suas histórias de vida” vem justamente de sua trajetória de luta pela reintegração dos portadores de hanseníase à sociedade, a qual ele empreende através de sua militância no Morhan.

Então, essa descoberta das coisas que “*achava normal*” antes, mas que “*não eram*” se fez no presente. E, apesar de não o saber, o ex-interno está mostrando como a memória é um fenômeno de reconstituição do passado correlacionado com o presente. Os fatos por ele narrados voltam a ser vivenciados, reinterpretados e, assim, reconstruídos, ou seja, a memória individual, que dá base à história oral, é formada a partir de padrões subjetivos e, portanto, intencionais e eletivos. Durante algum tempo, esta subjetividade e intencionalidade gerou certa desconfiança em relação às fontes orais. Mas atualmente - graças ao empenho dos estudiosos que vem desenvolvendo pesquisas importantes e promovendo debates no campo da história oral – este tipo de fonte tem ampla aceitação. Portanto, meu argumento é de que a memória passou a ser utilizada pelo Morhan como uma ferramenta de luta, mas uma memória bastante peculiar, criada com base nas “necessidades” da comunidade hanseniana. Então, se a necessidade precípua é “reparar” os danos causados pela segregação, a imagem do leproso como vítima é amplamente difundida; vítima do preconceito, vítima da exclusão, mas, sobretudo vítima de uma política atroz e desumana de um Estado que lhes cerceou a liberdade, confinando-lhes em leprosários ao longo de décadas. E, portanto, agora este mesmo Estado deve recompensá-los financeiramente por isto.

O terceiro ponto de reflexão é a análise da percepção que os ex-internos têm sobre o leprosário. Curiosamente, percebi que para quem foi alvo da política de isolamento, o leprosário não é um lugar detestável, ao contrário, os entrevistados são unânimes em dizer que a colônia é a casa deles, é o lugar onde puderam reconstruir a vida. Fugir da rejeição, estar entre pessoas que partilhavam da mesma dor e que, por isso mesmo, se compreendiam mutuamente. Pode-se dizer que dentro da colônia estas pessoas iniciaram uma nova etapa de suas vidas, da qual não se lamentam. Falam deste período com naturalidade, afirmam que foi sim uma etapa marcada pela dor, porque a lepra trazia isso, dores físicas e reações aos tratamentos, mas também dores psicológicas causadas, às vezes pelo afastamento da família, outras vezes pelo abandono e, muitas vezes, conforme narram, pela rejeição, que pode ser pensada como uma consequência do medo que despertavam nas pessoas “sadias”, como costumam dizer. Assim, procuro desenvolver as contradições existentes entre a memória

social do leproso como vítima e a memória que os próprios indivíduos atingidos pela lepra têm sobre sua vivência no leprosário.

Com isso, percebi que a memória social – que é também coletiva - é absorvida apenas parcialmente e de uma maneira bastante interessante, qual seja, direcionando o “ressentimento” não à colônia, mas à sociedade. E, neste sentido, os ex-internos se vitimizam na medida em que é necessário – pois o Estado só “repara danos” daqueles que efetivamente os sofreram -, mas também se enaltecem como vencedores - porque individualmente possuem essa imagem de si. E o contraste está justamente no fato de que, para eles, a vitimização não se dá pelo confinamento dentro dos leprosários, mas pela rejeição social. O leprosário é percebido como o lugar onde foram acolhidos novamente no seio de uma comunidade; para eles, dentro da colônia puderam reconstruir novamente suas vidas e, por isso, se consideram vencedores, uma vez que, apesar de toda exclusão da sociedade “sadia”, deram continuidade a suas vidas.

Os depoimentos mostram que a partir do momento da internação, o leproso passava a ver a rejeição como algo “exterior” à colônia. Ou seja, em Santa Izabel não eram indesejáveis, e sim membros de uma comunidade na qual não sofriam com a exclusão, porque havia um sentimento de identificação e reciprocidade entre eles. O contrário acontecia na relação com o “sadio” - elemento exterior a esta comunidade - que demonstrava medo de ser contaminado pela doença e, com isso, fazia o doente vivenciar de novo o trauma da rejeição.

Com estas reflexões tenho procurado mostrar que tratar os ex-asilados simplesmente como vítimas de uma política “atroz e desumana” de controle da lepra faz com que se perca muito da complexidade que envolve o isolamento compulsório. Isso ocorre à medida que traços essenciais da experiência destes indivíduos são ignorados por essa perspectiva vitimizadora. Portanto, através de minha pesquisa, meu objetivo tem sido apreender e analisar elementos desta complexa teia de relações que se estabeleceram entre pessoas que vivenciaram o isolamento compulsório em função da lepra.

Fontes:

Entrevista concedida a autora por Aldecir Pereira dos Santos, em 17 de julho de 2008. (Grifos meus)

Bibliografia:

HOBSBAWN, Eric. *Sobre História: Ensaios*. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LLOYD, Christopher. *As Estruturas da História*. Tradução de Maria Julia Goldwasser. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

SCHWARZTEIN, Dora. História Oral, memória e histórias traumáticas. In: *História Oral – Revista da Associação Brasileira de História Oral*, nº4, junho de 2001.

THOMPSON, A. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.